

O Império se Devora: os Bilionários e a Crise de Valores nos Estados Unidos

GABRIEL MODELO CAPELOZZA BOAVENTURA

Em 1863, durante a Guerra Civil, o então presidente Abraham Lincoln proferiu o célebre Discurso de Gettysburg como reafirmação dos princípios fundadores dos Estados Unidos. Ao defender um “renascimento da liberdade” e um governo “do povo, pelo povo e para o povo”, Lincoln (1863) ressignificou a democracia como compromisso moral com a igualdade e a dignidade humana, marcando um ponto simbólico na definição dos EUA como projeto coletivo baseado na liberdade.

Décadas mais tarde, esses mesmos valores seriam fundamentais para a projeção internacional dos Estados Unidos. Como defende Joseph Nye (2004), o *soft power* americano repousa fundamentalmente na promoção da democracia, dos direitos humanos e das liberdades individuais. A credibilidade desses princípios legitimou a posição de líder dos EUA no cenário internacional por décadas. Hoje, no entanto, essa hegemonia enfrenta uma crise multidimensional, sendo uma de suas dimensões de natureza civilizatória, que considera o esvaziamento dos valores que historicamente sustentaram a ordem liberal internacional.

Nesse contexto, ganha destaque a interação entre grandes empresários, como Elon Musk, Jeff Bezos e Mark Zuckerberg, e o poder estatal. Essa dinâmica evidencia um processo autofágico no qual as bases tradicionais da democracia liberal são corroídas, enquanto ocorre a ascensão de valores privados promovidos por essa elite empresarial, que privilegia a despolitização, o controle tecnológico e a concentração de poder econômico. Esta análise busca compreender essa tendência, examinando as implicações da convergência entre poder econômico e político para a erosão dos valores universais que outrora sustentaram a liderança global dos Estados Unidos.

Quando os bilionários sentam à

mesa...

Durante a posse de Donald Trump, Elon Musk, Jeff Bezos e Mark Zuckerberg, os três dos homens mais ricos do mundo, ocuparam lugar de destaque, sentando-se lado a lado em posição privilegiada, à frente, inclusive, de indicados para compor o novo gabinete presidencial (Helmores, 2025). Tal arranjo não é fruto do acaso, mas revela motivações políticas e econômicas, sinalizando a centralidade que o capital bilionário ocupa no núcleo do poder estatal.

Musk, então confidente pessoal do presidente, financiou sua campanha com mais de US\$ 250 milhões (Roeloffs, 2025). Já Zuckerberg, da Meta, após anos de atrito com Trump, não apenas doou ao fundo inaugural como também ajustou as políticas de checagem de fatos em suas plataformas e nomeou aliados do presidente eleito ao conselho da empresa (Roeloffs, 2025). Bezos, antes antagonizado por Trump, elogiou publicamente sua “graça sob fogo” após a tentativa de assassinato e também contribuiu com US\$ 1 milhão ao comitê inaugural (Roeloffs, 2025).

Para além das contribuições financeiras, destaca-se, também, a atuação de Musk no comando do recém-criado Departamento de Eficiência Governamental (DOGE, em inglês). Sob sua liderança, foram implementados cortes profundos nos gastos públicos federais, com a justificativa de promover a modernização da máquina estatal. As medidas incluíram o esvaziamento de programas sociais, demissões em massa e a eliminação de estruturas burocráticas, classificadas como obstáculos à eficiência ou como despesas supérfluas (Lucas, 2025).

Mas, afinal, qual é o problema de tal interação? A essência da resposta está na ideia de que essa rede de apoio sinaliza um processo de erosão institucional em que a mediação política dá lugar à ação direta do capital sobre o poder, em detrimento da atuação de partidos, imprensa e agências reguladoras. O discurso do bem comum, fundamental para a democracia, dá espaço ao discurso da competência empresarial, do sucesso financeiro e da inovação tecnológica.

Alguns teóricos ajudam a entender esse fenômeno. Fraser (2020) nomeia essa aliança entre capital financeiro de Wall Street e capital cultural do Vale do Silício de “neoliberalismo progressista”. Segundo a autora, essa união reconfigura a esfera pública como um mercado, em que os valores de eficiência, inovação e competitividade

são elevados à condição de virtudes cívicas. Nesse arranjo, funções públicas essenciais passam a ser tratadas como oportunidades de lucro privado, esvaziando o sentido democrático do Estado.

O cientista político Corey Robin (2018) defende, por sua vez, que o conservadorismo moderno aceita a perda de hegemonia estatal desde que consiga manter o poder nos domínios privados — família, mercado, empresa. A fusão entre política e bilionários das *Big Techs* não é, assim, uma anomalia no sistema, mas um desdobramento da lógica reacionária: a manutenção do privilégio e da hierarquia social, agora mascarados de inovação e tecnologia.

É importante, no entanto, esclarecer que, embora se vendam sob o discurso da modernização e da suposta eficiência, a aproximação de empresários ao núcleo do governo revela, na prática, a defesa de interesses privados. O caso de Musk é emblemático nesse sentido: ao perceber que a nova agenda econômica da Casa Branca, em especial um pacote fiscal aprovado por Trump, poderia afetar seus interesses financeiros, ele rompeu politicamente com o governo ainda antes da metade do primeiro ano de mandato, qualificando a medida como uma “abominação repugnante” e renunciando ao cargo em protesto (Bocanegra, 2025).

Essa reação confirma os achados de um estudo da *London School of Economics* (2017), que desmonta o mito da superioridade dos empresários como gestores públicos. Prefeitos com perfil empresarial não apresentaram melhor desempenho em áreas como orçamento, saúde ou educação, sugerindo que a promessa de eficiência não passa de um mito para legitimar a entrada direta do capital na política (Odilla, 2017). A existência de um “Estado-Empresa” é ilógica, uma vez que o objetivo não é gerar lucro, mas garantir direitos e negociar em nome do interesse coletivo, o que pode ser frequentemente incompatível com a lógica empresarial.

A ascensão de Donald Trump, bilionário e empresário, à presidência dos Estados Unidos é exemplar: quando bilionários passam a ocupar o núcleo do poder estadunidense, o que se revela não é só a força do capital sobre as instituições, mas o esvaziamento dos princípios que sustentam a democracia liberal. Apesar dos Estados Unidos se apresentarem historicamente como uma democracia modelo, suas práticas revelam uma administração moldada por interesses privados e lógicas de mercado, os quais se sobrepõem ao bem comum. Esse

descompasso entre discurso e ação mina a legitimidade institucional e viabiliza a existência de projetos que não apenas rejeitam a mediação democrática, mas defendem ativamente sua substituição.

... a democracia se retira

À medida que a lógica empresarial se consolida com a presença de grandes empresários no núcleo do poder nos EUA, o que se retira desse espaço é a própria democracia. Essa presença reconfigura o campo político segundo critérios tecnocráticos, enquanto o governo adota um discurso que esvazia o futuro como horizonte. Nesse cenário, o discurso neorreacionário encontra legitimidade prática: o futuro deve se inspirar nas hierarquias passadas, as quais não consideram a necessidade de um regime democrático como o conhecemos.

Desde seu primeiro mandato, Donald Trump articula uma retórica de retorno à grandeza americana baseada na idealização do passado. Essa lógica se alinha ao que Snyder (2019) define como política da eternidade: uma narrativa de vitimização cíclica, marcada pela invenção de inimigos constantes, tanto internos quanto externos, e pela fabricação de crises que legitimam a estagnação e adiam indefinidamente a promessa de uma América *"great again"*.

Essa ode ao passado não se limita ao pensamento de Trump; ela ressoa amplamente entre grupos reacionários nos Estados Unidos, que se veem representados e fortalecidos por essa visão nostálgica de ordem e autoridade. Intelectualmente, essa visão tem sido moldada por figuras como Curtis Yarvin e Nick Land, articuladores do chamado Iluminismo Sombrio. Ambos defendem o desmonte da democracia liberal e sua substituição por uma ordem tecnocrática comandada por um "CEO soberano". Yarvin propõe um modelo de Estado em que cidadãos são tratados como clientes sem voz. Land, por sua vez, celebra o colapso da racionalidade iluminista e aposta na aceleração do capitalismo como catalisador de uma nova ordem pós-democrática (Derbyshire, 2025).

Essa aceleração do capitalismo é interpretada por militantes de extrema-direita como uma oportunidade de provocar o colapso do sistema vigente por meio de violência. Nesse sentido, o ataque ao Capitólio em 2021, por exemplo, não foi um simples motim ou protesto eleitoral, foi, para muitos grupos envolvidos, uma ação estratégica

deliberada para deslegitimar as instituições democráticas e precipitar uma ruptura sistêmica (Hoffman; Ware, 2024). O caos buscado não era colateral, mas central à lógica aceleracionista: o colapso como método político.

Os anseios antidemocráticos não permanecem apenas no campo teórico. O relatório do *Southern Poverty Law Center* (Kieffer *et al.*, 2024) revela que mais de 100 organizações ultraconservadoras, atuaram na formulação do chamado “Project 2025”, um plano de reestruturação institucional que visa concentrar poderes no Executivo e desmontar garantias constitucionais de caráter liberal-democrático. Embora Trump tenha negado vínculos, sua equipe de transição usou amplamente o banco de dados do projeto, cujas diretrizes foram incorporadas desde os primeiros decretos do segundo mandato, tornando a iniciativa um roteiro informal de governo (Townley, 2025).

As ações recentes do governo Trump reforçam esse movimento. No primeiro ano de seu novo mandato, liderou a maior operação de deportação da história dos EUA, com denúncias de graves violações de direitos humanos (Orgaz, 2025), retirou o país do Conselho de Direitos Humanos da ONU e manteve o rompimento com a agência da ONU para refugiados (Trump..., 2025). Internamente, manifestações em oposição ao governo têm sido reprimidas com violência (Yeung, 2025), e 1.500 envolvidos no ataque ao Capitólio receberam perdão presidencial (Cohen, 2025), num gesto que legitima a ruptura democrática como programa de poder.

Ao mobilizar retórica autoritária, práticas antidemocráticas e a valorização da autoridade tecnocrática, o governo Trump aprofunda a crise de valores que sustenta a democracia liberal. Nesse cenário, alternativas autoritárias deixam de ser marginais e ocupam o centro do projeto de poder, ganhando concretude em meio ao colapso simbólico e institucional do regime democrático.

Considerações finais

As interações entre bilionários e o poder estatal nos Estados Unidos revelam um processo autofágico no qual a democracia liberal, ao buscar adaptar-se aos imperativos do capital, termina por sabotar os próprios fundamentos que lhe conferem legitimidade. A aproximação entre elites econômicas e o núcleo do governo, longe de representar simples pragmatismo administrativo, expressa o deslocamento da soberania popular para uma

elites econômicas e o núcleo do governo, longe de representar simples pragmatismo administrativo, expressa o deslocamento da soberania popular para uma racionalidade mercadológica e privatista, fundada em critérios de eficiência, inovação e rentabilidade.

Como argumenta Fraser (2020), o “neoliberalismo progressista” legitima essa fusão entre capital financeiro e tecnológico ao redefinir a esfera pública como mercado. Sob esse viés, os valores de cidadania, justiça, representação e mediação são substituídos por métricas de desempenho e empreendedorismo individual. Corey Robin (2018) complementa esse diagnóstico ao demonstrar que o conservadorismo contemporâneo não se opõe necessariamente à fragilização do Estado, desde que os espaços privados de dominação permaneçam intactos. O efeito é a normalização da desigualdade, camuflada por uma retórica de modernização e progresso.

Nesse cenário, a “política da eternidade”, como definida por Timothy Snyder (2019), ganha centralidade ao oferecer uma resposta ideológica ao colapso institucional. Ao invés de imaginar futuros democráticos, o discurso político apela a mitos de grandeza passada, reforçando hierarquias e inimigos internos como justificativa para estagnação e, até mesmo, retrocessos. Assim, o Estado deixa de ser o mediador do conflito social para se tornar agente ativo da sua desdemocratização.

O governo do povo, pelo povo e para o povo, evocado por Lincoln, torna-se, então, um contraponto dramático à realidade atual. A democracia liberal, ao permitir que sua estrutura seja capturada por interesses privados e valores de mercado, acelera sua substituição por alternativas autoritárias de gestão, disfarçadas de inovação. Quando os bilionários sentam à mesa, a democracia, desautorizada, violada e desgastada, se levanta.

Referências

BOCANEGRA, C. Elon Musk chama pacote fiscal de Trump de “abominação repugnante” . **InfoMoney**, 03 jun. 2025. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/economia/elon-musk-chama-pacote-fiscal-de-trump-de-abominacao-repugnante/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

COHEN, S. Perdão de Trump a 1.500 condenados por ataque ao Capitólio sinaliza o seu desprezo pelo sistema judiciário dos EUA. **G1**, 21 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/blog/sandra-cohen/post/2025/01/21/perdao-de-trump-a-1500-condenados-por-ataque-ao-capitolio-sinaliza-o-seu-desprezo-pelo-sistema-judiciario-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2025

DERBYSHIRE, J. Iluminismo sombrio molda visão política de Trump e aliados. **Folha de SP**, 3 abr. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2025/04/iluminismo-sombrio-molda-visao-politica-de-trump-e-aliados.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2025

FRASER, N. **O velho está morrendo e o novo não pode nascer. Autonomia Literária**, 2020.

HELMORE, E. Trump inauguration: Zuckerberg, Bezos and Musk seated in front of cabinet picks. **The Guardian**, 20 jan. 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2025/jan/20/trump-inauguration-tech-executives>. Acesso em: 09 jun. 2025

HOFFMAN, B.; WARE, J. **God, guns, and sedition: Far-right terrorism in America**. Columbia University Press, 2024.

KIEFFER, C.; CRAVENS, R. G.; GAIS, H.; RIVAS, R. C. The false fear of ‘White genocide’. In: **Southern Poverty Law Center. The Year in Hate & Extremism 2024**. Montgomery, AL: SPLC, 2024. Cap. 4.

LINCOLN, A. **Gettysburg address delivered at Gettysburg Pa**. Library of Congress. 19 nov. 1863. Disponível em: <https://www.loc.gov/item/rbpe.24404500/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

LUCAS, J. Era Musk no DOGE: 130 dias de reformas, combate à agenda woke e US\$ 175 bilhões em economia. **Gazeta do Povo**, 29 mai. 2025. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/era-musk-no-doge-130-dias-de-reformas-combate-a-agenda-woke-e-us-175-bilhoes-em-economia/>. Acesso em: 09 jun. 2025.

Referências

ODILLA, F. Estudo contesta crença de que empresário se sai melhor na gestão pública. **BBC**, 21 set. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41206401>. Acesso em: 09 jun. 2025.

ORGAZ, C. J. A lei usada pelos EUA para trancar japoneses em campos de concentração, que Trump quer reativar para deportações em massa. **BBC**, 9 fev. 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cly98g4p229o>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ROBIN, C. **The reactionary mind: conservatism from Edmund Burke to Donald Trump**. Oxford University Press, 2018.

ROELOFFS, M. Quem São os Bilionários Que Participarão da Posse de Trump. **Forbes**, 16 jan. 2025. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2025/01/quem-sao-bilionarios-que-participarao-da-posse-de-trump/>. Acesso em: 09 jun. 2025

SNYDER, T. **Na contramão da liberdade: a guinada autoritária nas democracias contemporâneas**. Editora Companhia das Letras, 2019.

TOWNLEY, D. How Project 2025 became the blueprint for Donald Trump's second term. **The Conversation**, Portsmouth, 25 abr. 2025. Disponível em: <https://theconversation.com/how-project-2025-became-the-blueprint-for-donald-trumps-second-term-255149>. Acesso em: 22 jul. 2025.

TRUMP retira EUA do Conselho de Direitos Humanos da ONU e mantém rompimento com agência para refugiados. **Brasil de Fato**, 4 fev. 2025. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2025/02/04/trump-retira-eua-do-conselho-de-direitos-humanos-da-onu-e-mantem-rompimento-com-agencia-para-refugiados/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

NYE, J. S. **Soft power: The means to success in world politics**. Public affairs, 2004.

YEUNG, J. Protestos, toque de recolher e prisões: As últimas 24 horas em Los Angeles. **CNN**, 11 jun. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/protestos-toque-de-recolher-e-prisoas-as-ultimas-24-horas-em-los-angeles/>. Acesso em: 11 jun. 2025.